

“Colonização alemã no Brasil” e “Bem-intencionados avisos aos emigrantes”, de Friedrich Gerstäcker (1862)

Elisa Haizler¹

Gerson Roberto Neumann²

Resumo: Este artigo apresenta a tradução de “*Deutsche Colonisation in Brasilien*” e “*Wohlgemeinte Warnung für Auswanderer*”, de Friedrich Gerstäcker, publicados em 1862, na revista *Die Gartenlaube: Illustriertes Familienblatt*. Em ambos os textos, o autor aborda a imigração de alemães ao Brasil, com a qual teve contato pessoal. Ele nega exageros de críticas espalhados pela mídia, mas também exageros de idealizações. Em *Deutsche Colonisation in Brasilien*, Gerstäcker defende que os colonos alemães estão satisfeitos com sua situação; afirma que o governo adotou medidas para apoiá-los, como a criação de fundos de subsídio; e destaca os ótimos clima e solo do Sul do país. O autor alerta, por outro lado, sobre os problemas com a liberdade religiosa, principalmente pela falta de líderes religiosos protestantes, e sobre os perigos de contratos privados com Senhores de Terra, os Contratos de Parceria. Ele se aprofunda nesses perigos em *Wohlgemeinte Warnung für Auswanderer*. Este artigo apresenta, também, um breve relato sobre o processo de tradução dos textos, realces de trechos mais desafiadores e análises de algumas escolhas tradutórias.

Palavras-chave: Imigração alemã; colônia alemã; contratos de parceria; Brasil; século XIX.

Zusammenfassung: Dieser Artikel enthält die Übersetzungen von “*Deutsche Colonisation in Brasilien*,” und “*Wohlgemeinte Warnung für Auswanderer*,” bei Friedrich Gerstäcker, die 1862 in der Zeitschrift *Die Gartenlaube: Illustriertes Familienblatt* veröffentlicht wurden. Beide Texte stellen die Meinung des Autors über die deutsche Auswanderung nach Brasilien, damit er persönlich Kontakt hat. Er verneint übermäßigen Kritik der Medien, jedoch auch übermäßige Idealisierung. In *Deutsche Colonisation in Brasilien* behauptet Gerstäcker, dass die Deutschen in der Kolonie zufrieden sind; die Regierung sie mit Maßnahmen wie der Subsidiengeld unterstützt; und das Klima und der Boden im Süden des Landes besonders gut sind. Der Autor warnt andererseits über Probleme mit der freien Religionsübung, hauptsächlich aufgrund des Mangels an Geistlichen, und über die Gefahren der Privatkontakte mit Pflanzern, die Parcerieverträge. Er vertieft sich in diese Gefahren in *Wohlgemeinte Warnung für Auswanderer*. Dieser Artikel enthält auch einen kurzen Bericht über den Übersetzungsprozess, *highlights* der schwierigsten Passagen und Analysen einiger Übersetzungsentscheidungen.

Schlüsselwörter: Deutsche Auswanderung; deutsche Kolonie; Parcerieverträge; Brasilien; 19. Jahrhundert.

¹ Bacharelada em Letras (Tradução Português-Alemão) na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Email: elisahaizler@gmail.com.

² Professor associado de Língua e Literatura Alemã no Setor de Alemão da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Membro do Instituto Histórico de São Leopoldo (IHSL). Pesquisador Fundador do Centro de Estudos Europeus e Alemães (CDEA). Bolsista de produtividade do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). E-mail: gerson.neumann@gmail.com. ORCID ID: 0000-0001-5809-6998.

Introdução

Die Gartenlaube: Illustriertes Familienblatt foi precursora das revistas modernas e a primeira revista alemã de circulação em massa. Se apresentava como uma revista a todos os públicos, dos jovens aos idosos, para se ler em casa ou com amigos, e abordava os mais diversos tópicos, como científicos, sociais, culturais, literários etc. (Keil, 1853). Friedrich Gerstäcker foi um de seus autores recorrentes. Nascido em 1816, em Hamburgo, foi um escritor conhecido por seus relatos de viagens e aventuras. Viajou a quase todos os continentes do mundo e esteve na América do Sul entre 1849 e 1852, e novamente de 1860 a 1861, quando passou 18 meses visitando colônias alemãs, principalmente no Brasil, com intenção de registrar a vida dos imigrantes e incentivar a imigração. Ele é reconhecido por apresentar uma imagem real do que experienciava, sem exceder os elogios ou se basear em críticas infundadas. Em vida, publicou por volta de 70 livros e 400 contos e relatos de viagem (Miller, 2023). Este artigo apresenta a tradução de dois de seus relatos, publicados em 1862, respectivamente nos números 29 e 30 da *Gartenlaube: Deutsche Colonisation in Brasilien* (“Colonização alemã no Brasil”), em que elabora suas opiniões sobre a vida do colono alemão no Brasil, os auxílios oferecidos a estes imigrantes e os cuidados a se ter no processo imigratório, e *Wohlgemeinte Warnung für Auswanderer* (“Bem-intencionados avisos aos emigrantes”), em que se aprofunda sobre os riscos deste processo, descrevendo os Contratos de Parcerias e as técnicas usadas por agentes de emigração para enganar os emigrantes.

Colonização alemã no Brasil

Nos últimos anos, tudo que diz respeito ao Brasil é completamente nebuloso ao público leitor alemão, sendo que apenas alguns conseguem ter uma imagem real do país. Eu mesmo, inclusive, possuía um grande preconceito *contra* as terras brasileiras; não tanto pelas reportagens que descreviam o Brasil como um inferno, mas por aqueles, auxiliados de seus pequenos “Livretos de emigração” e “Bem-intencionados conselhos ao emigrante” etc., que pintavam o país de forma esplendorosa e exaltavam sua glória.

Na minha opinião, formada desde que conheci o país – em parte por experiência própria, em parte através daqueles que lá residem por muitos anos, de quem ouvi muito e detalhadamente –, tenho a firme convicção de que no Brasil, apesar de sua condição muitas vezes repreensível e perigosa, em geral os emigrantes alemães recebem grandes vantagens, e se eu mesmo quisesse me tornar um emigrante e trabalhar com agricultura, *certamente* visaria minha imigração para a América do Sul, sobretudo para o Sul do Brasil.

O Brasil é, inclusive, um conceito muito vago e vasto, pois enquanto o Norte dessa imensa terra é ocupado por pântanos pestilentos, vegetação estritamente tropical e calor escaldante, onde o alemão ainda *não* pode se estabelecer como um trabalhador livre entre Senhores de Terra e donos de escravos, o Sul, por outro lado, oferece um magnífico clima ameno, um solo rico e uma densa comunidade de compatriotas alemães, que, com poucas exceções, se encontram todos bem.

Existem, contudo, alguns que derramam seu veneno nesta parte do Império e contam as mais terríveis histórias. Certamente agem assim por seus motivos próprios e pessoais, e reclamam pois não têm o que fazer. É o mesmo na América do Norte, onde os alemães cultos que não trouxeram riquezas e não querem ou não podem realizar trabalho braçal, também jogam aos quatro ventos sua nobríssima indignação e extravasam sua raiva contra um país que não quer sustentá-los *sem* trabalho. O trabalhador dedicado, tanto na América do Norte quanto no Brasil, não escreve nada; lavra seu campo, cultiva suas terras, torna-se rico ou ao menos abastado, enquanto vê sua família crescendo em boas condições. É sua simpática plantação ou seu pedaço de terra estabelecido, sua pacata e despreocupada situação, a melhor imagem para um livro sobre a imigração ao Brasil.

Este trabalhador não escreve nada, porém *conta* como, no início, foi enganado pelos agentes de emigração, como lhe mandaram para todos os cantos, e o quão pesado, quão terrivelmente pesado, teve de trabalhar por anos, apenas para conseguir o primeiro terreno como sua propriedade atual – mas ele trabalhou, e recebeu os frutos.

Em certa ocasião, mostrei a um desses trabalhadores um artigo escrito em Berlim, o qual, em uma descrição do país, afirmava que piche e enxofre ferventes deveriam oferecer mais conforto do que uma estadia no Brasil. O homem riu, jogando o jornal embaixo da mesa e disse: “Ele certamente sabe do que reclama!”.

Entretanto, o Brasil possui muitos aspectos negativos, ainda que no Sul do país eles não estejam nas terras ou no clima, mas em outros motivos. A principal e mais bem embasada crítica ao Brasil é a falha do governo, ou principalmente da classe latifundiária, em não cumprir promessas de liberdade religiosa; e por “liberdade religiosa” entende-se uma religião ser praticada livremente, com permissão de realizar seus cultos e, especialmente, o reconhecimento destes perante a lei. A classe latifundiária brasileira, porém, é composta quase exclusivamente por Barões do Café e padres católicos, estes últimos tomados pelo medo de que qualquer direito concedido aos protestantes ameace o chão sob seus pés.

Foi criada, recentemente, uma lei que regulariza e reconhece os casamentos protestantes, porém, na prática, isso não se sustenta e ainda dá origem a diversos conflitos e processos.

Estranhamente, os alemães da colônia levam essa situação com tranquilidade, pois nosso bom agricultor não está acostumado a refletir sobre leis que o afetam. Se leis são criadas, devem ser seguidas, e se interferem em sua vida e seu trabalho, então ele reclama – mas não faz nada. É um súdito excelente.

Os católicos, por sua vez, não são afetados por essa lei, pois todas suas circunstâncias estão bem resolvidas, e os protestantes deixam tudo seguir a velha ineficiência, até serem surpreendidos por alguma situação chocante que os tire dessa tranquilidade.

Em todas as colônias, ainda é extremamente difícil conseguir um bom líder religioso e, mais ainda, um professor, pois o povo já sabe tudo o que precisa para se estabelecer bem com a agricultura, sem desperdiçar a vida com desgosto e angústia – então, quem gostaria de ser professor? A consequência disso é que, em geral, os únicos a se candidatarem são jovens que, com seu certo grau de escolaridade, não fazem trabalho pesado e não gostam de sujar as mãos, mas como precisam se sustentar, são forçados a aceitar esses cargos por curto tempo. Porém, assim que encontram um emprego que mais lhes agrade, desistem do tedioso trabalho escolar, e as crianças continuamente trocam de professores, que, ademais, são muito medíocres.

Uma situação semelhante ocorre com os líderes religiosos; apesar de que o próprio governo desejava instituir líderes religiosos protestantes em diversas colônias,

não conseguiu encontrá-los nas mesmas e, até onde sei, requisitou estes líderes da própria Alemanha.

De forma geral, se quiserem ser justos, ninguém pode afirmar que o governo brasileiro não fez tudo que estava em seu poder para promover e oferecer o melhor às colônias do Brasil. O governo, acima de tudo, não poupou despesas e ofereceu a todos os imigrantes os chamados fundos de subsídio, ou auxílios, até que cultivassem sua própria terra – e muitos, com pouquíssimas exceções, não devolveram este dinheiro, ainda que já tivessem condições de fazê-lo.

A terra foi concedida gratuitamente a quase todos, e quando nem tudo foi bom como deveria ao imigrante, há de ter sido unicamente falha dos funcionários públicos predatórios de segundo escalão, que atacam como abutres todos os auxílios financeiros concedidos por qualquer governo sul-americano para quaisquer finalidades.

Quando os próprios alemães tiveram de lidar com o governo, não encontraram nenhum ou apenas poucos motivos para reclamar; mas na infelicidade de se envolverem com os Senhores de Terra brasileiros, quando, apesar de todos os avisos e advertências, fechavam um contrato privado (os chamados “Contratos de Parceria”) com estes Senhores de Terra e Barões do Café, neste caso quase sempre saíam prejudicados, e centenas de nossos compatriotas com suas famílias ainda estão pagando por sua estupidez em situações análogas à escravidão.

Esses Contratos de Parceria soavam tentadores e, com os elogios dos jornais e agentes de emigração alemães, que sem escrúpulos jogavam seus compatriotas aos leões, os Senhores de Terra brasileiros conseguiram enlaçar um grande número de alemães. Não lhes ajudava em nada gritar após estarem atados, pois aqueles que assinam um contrato privado podem reclamar de terem sido enganados, mas não conseguem cancelá-lo por conta própria ou requisitar esse cancelamento ao governo, à exceção, é claro, de fraude comprovada.

Portanto, todo aviso é pouco para que nossos compatriotas alemães nunca firmem, sob *quaisquer* circunstâncias, por mais tentadoras que as perspectivas possam parecer, um contrato estrangeiro, ou seja, aquele que os prenda a uma força estrangeira do outro lado do mundo. Eles não podem julgar daqui as condições que terão lá. Não sabem como tal contrato pode ser alterado e distorcido em seu detrimento e, acima de tudo, precisam considerar que, se forem enganados, estarão completamente desamparados como cidadãos *alemães* em um país estrangeiro. Os cônsules alemães de todo o mundo, por maiores e mais coloridas que sejam suas bandeiras e tão lindamente pintados sejam os letreiros em suas casas e acima de suas

portas, não lhes servem de *nada*, pois o máximo que podem fazer é protestar, e o governo desses países certamente não se importa com essas reclamações.

Ainda assim, quem como homem livre deseja imigrar ao Sul do Brasil e, sendo protestante, não se incomoda com o favorecimento da religião católica – ou quem, quando casar por lá, talvez em um casamento misto, redija um contrato civil quanto aos direitos de herança dos seus filhos –, pode levar consigo a convicção de que irá para uma terra fértil e saudável, que pode esperar o auxílio razoável do governo e encontrará uma grande comunidade de compatriotas, que, por meio de dedicação e perseverança, já se adaptaram plenamente.

Que pela vontade de Deus, porém, ninguém pense que conseguirá cultivar seu campo com “*pouquíssima dificuldade*” apenas graças à enorme fertilidade da terra. A terra pode ser fértil, mas desse solo exuberante também se aproveitam as ervas daninhas, e livrar-se da selva brasileira não será tarefa fácil. Não, quem desejar ir para lá precisa trabalhar, trabalhar duro, e, acima de tudo, não pode acreditar ser indispensável ou que sua mão de obra é urgentemente necessária. Um homem pobre estará só, tanto no mundo quanto na Alemanha, mas tem no Brasil a enorme vantagem de que, se realmente *quiser* trabalhar, receberá um terreno para o seu ofício e, com o tempo, pode estabelecer seu próprio lar.

O Sul do Brasil é, portanto, em *minha* opinião, uma excelente região para imigração alemã e, especialmente nos dias de hoje, nos quais não é recomendado a nenhum alemão imigrar para os Estados Unidos da América, penso ser altamente aconselhável direcionar o fluxo de imigração alemã para as diversas regiões da América do Sul. Não é preciso dizer que nem todos podem ir ao Brasil, pois nem todos os emigrantes buscam os mesmos objetivos, têm os mesmos interesses. O agricultor pode preferir as Regiões Sul do Brasil ou o Chile; o pecuarista, o Uruguai e as Províncias do Prata; o especulador, o Peru ou Buenos Aires, assim como demais cidades portuárias, tal qual o Equador, que, hoje em dia, avança para um futuro promissor. Quem deseja trabalhar no cultivo tropical e tem os meios para agir de forma independente, quem deseja plantar cacau, café, baunilha etc. e passear sob as palmeiras, gostará mais de ir para o Norte do Brasil ou, melhor ainda, para o Equador, onde terá terras férteis ao seu alcance e pode estabelecer por conta própria sua nova pátria nessa terra tropical livre de doenças.

Além desta visão geral das condições do Brasil, gostaria também de compartilhar com o leitor algumas palavras sobre pormenores que lhe podem ser úteis se tiver vontade de imigrar para lá. O governo brasileiro favorece a imigração alemã,

mas, na tentativa de atrair estes imigrantes, cometeu o erro de oferecer recompensas para os agentes, uma medida que não demorou a trazer péssimas consequências. Estes senhores certamente só se interessavam em enviar o maior número possível de pessoas, e não havia diferença se eram velhos, fracos ou doentes, qualquer tipo de gente servia. Agora, porém, o Brasil demonstra intenção de abandonar essa medida. O imigrante não recebe mais passagem livre para trabalhar, mas, se ir por livre vontade e declarar sua intenção de permanecer em solo brasileiro, o governo o presenteia com a chamada Colônia, isto é, um recorte de terra selvagem, que antes consistia em 160.000 braças quadradas, enquanto agora são usualmente apenas 100.000. O colono, em geral, recebe uma frente de 100 braças de largura na selva. Uma braça brasileira, contudo, é maior que uma braça alemã (Klafter) e até mesmo que uma braça inglesa (Fathom), tendo cerca de 7 pés e 2 polegadas.³ 100.000 braças quadradas são, portanto, um ótimo pedaço de campo, e mais que o suficiente para uma família de imigrantes dar seus primeiros passos e se fixar em sua nova pátria.

Aqui, sobretudo, se produz a *mandioca brava* (*Manihot utilissima*, também conhecida como yuca ou cassava) e sua farinha, ao lado de um feijão preto delicado e nutritivo, constitui a base de alimentação dos brasileiros. A farinha de mandioca, como bem se sabe, é feita das raízes, que nascem de 3 a 8 por planta, com 1 a 2 pés de comprimento e cerca de 3 polegadas de diâmetro.⁴ Essas raízes precisam ser raladas, gerando uma polpa, que é prensada e lavada com água diversas vezes para eliminar a seiva tóxica e pungente, e por fim deixada para secar. Além da mandioca, se cultiva principalmente milho e batatas, além de trigo nas províncias do Sul e café nas do Norte. No Norte também prospera a cana-de-açúcar, que não se adapta entre as colônias do Rio Grande, pois eventualmente é destruída pela geada. Acima de tudo, não se pode pensar que a Província do Rio Grande se trata de uma província muito tropical, ainda que uma pequena espécie de palmeira cresça por toda a parte. Encontrei estas mesmas palmeiras até mesmo no Uruguai, onde o solo estava coberto de geada e poças de gelo com um dedo de espessura.

O novo colono precisa especialmente se atentar para que não seja enviado a regiões muito distantes, para ajudar a fundar uma nova colônia, que não ofereçam rios navegáveis ou outras rotas de fácil acesso. Nos primeiros anos, ele tem pouco tempo para pensar em construir estradas, já que precisa deixar sua terra pronta para o cultivo. Portanto, o melhor é que procure se fixar nas redondezas de algum rio que

³ N.T.: 2,2 metros.

⁴ N.T.: 30 a 60 centímetros de comprimento e cerca de 8 centímetros de diâmetro.

possa atravessar de barco ou de alguma estrada transitável. Ele já terá dificuldades o suficiente para levar seus produtos ao mercado na época de chuvas.

A propósito, o governo brasileiro ainda disponibiliza aos novos colonos os chamados fundos de subsídio sem quaisquer juros, mas com a condição, é claro, de que após alguns anos (usualmente cinco) o valor seja reembolsado. O colono pode também receber alimentos e ferramentas agrícolas para dar início ao trabalho, e acredito que de fato nenhum outro país no mundo (desconsiderando, é claro, o seu próprio) favoreça o colono alemão como o Brasil.

É evidente que há também pessoas no Brasil que tentam e conseguem enganá-lo, pois o imigrante alemão é como uma criança – inocente e sem prática. E onde isso não acontece? Ele deve, portanto, manter os olhos abertos e ter um pouco de cuidado. Em todo o caso, com tempo e experiência ele se tornará sábio e certamente aprenderá mais em um ano no estrangeiro do que em dez em casa.

E novamente surge de Berlim um artigo, baseado em fontes ultrapassadas, difamando o Brasil. Ele faz referência a dois documentos: um deles sobre um protesto de 40 alemães que não desejam entrar na Guarda Nacional, o outro sobre a recusa do Alto Conselho da igreja de enviar líderes religiosos ao Brasil. A Lei quanto à Guarda Nacional no Brasil é a seguinte: *nenhum* alemão precisa entrar na Guarda Nacional se não se naturalizar e, assim, se tornar um cidadão brasileiro. Ele, como tal, evidentemente deve cumprir todos os deveres de um cidadão brasileiro. Porém, ninguém é obrigado a se naturalizar, pois conversei com diversos colonos velhos que vivem há mais de 30 anos no Brasil e nunca se naturalizaram. Seus *filhos*, por outro lado, muitos dos quais já formaram suas próprias famílias, evidentemente são considerados brasileiros e não podem fugir do serviço da Guarda Nacional.

No que diz respeito ao outro documento, ele não confirma nada além da ignorância do Alto Conselho da igreja berlinense quanto à situação brasileira. Os alemães no Brasil constantemente importunaram o governo local e pediram líderes religiosos protestantes que fossem empregados pelo próprio governo. O governo aderiu ao pedido e exigiu que se indicasse apenas pessoas qualificadas – mas não havia nenhuma, e não raramente as cerimônias religiosas eram conduzidas por indivíduos sem essa qualificação. No fim, o governo ficou sem outras alternativas além de escrever ao Alto Consistório de Berlim ou de outras cidades, pedindo líderes religiosos protestantes capacitados. Hoje, isso continua sem resolução e, já que o Alto Conselho se recusa a enviar alguns destes líderes, o Brasil novamente cometeu absurdos.

É mais do que correto expor as falhas de um país, ainda mais quando se trata da imigração e a felicidade ou o infortúnio de milhares dependem disso. Mas é deveras trágico insultar incessantemente, como fez aquele senhor berlinense, apenas por sua vaidade ferida ou outras razões pessoais, um país onde milhares de nossos compatriotas encontraram – e ainda encontram – uma pátria afortunada. Ele deveria apenas ouvir como os próprios alemães do Brasil o julgam.

No que diz respeito aos Contratos de Parceria, remeto meu outro artigo nesta revista: “Bem-intencionados conselhos aos emigrantes”.⁵

⁵ N.T.: Depois publicado como “Bem-intencionados avisos aos emigrantes”.

Bem-intencionados avisos aos emigrantes

É impressionante como ninguém no mundo é menos propenso a aceitar um conselho do que aqueles que mais necessitam: os emigrantes. Uma vez que se determinam com seu plano de emigração, motivados em parte por suas próprias condições, em parte por livros tentadores, repentinamente sabem tão bem de tudo o que se precisa saber sobre o país estrangeiro que essas concepções adquiridas não podem ser deixadas de lado, e apenas acreditam em uma vida futura pintada de forma *ainda mais* esplendorosa do que antes imaginavam.

Não se pode negar que nosso agricultor alemão possui uma boa quantidade de bom-senso, especialmente quando se trata de seus próprios interesses e de permanecer no caminho que conhece desde jovem: a terra e o campo. Porém, assim que é empurrado para fora desses limites estreitos, assim que deixa seu vilarejo a poucas milhas de distância e, no seu atual papel de passageiro, se encontra sem conexões com sua vida anterior, ele se sente tão confortável quanto um peixe na areia ou um gato na água. Então, cai com enorme facilidade nas mãos daqueles que já possuem uma extraordinária experiência em tais negócios, que sabem que ele será o candidato perfeito para seus objetivos, desde que o apertem e pressionem até usurpar o último centavo: são esses os agentes de emigração.

Não pretendo, aqui, dar ao emigrante nenhum conselho definitivo quanto a onde deva ir; nada definitivo pode ser tido como verdadeiro e incontestável, pois a escolha de seu destino frequentemente só pode ser apontada pelo próprio caráter do emigrante. Não, o emigrante irá para onde tiver vontade, mas lhe peço apenas uma coisa: *pelo seu próprio bem*, tome cuidado especial com *aqueles* que apenas se importam com o ato migratório em si, ainda que o assegurem diversas e diversas vezes que este não é o caso:

Os agentes de emigração!

As pessoas, contudo, irão dizer: “*um, dois ou até cinco táleres que eu receba por cabeça não me farão rico; por que eu deveria persuadir alguém?*”

Isso é verdade, *um* indivíduo não lhes beneficia muito; mas por esse motivo precisam reunir uma multidão de pessoas, e uma multidão é o que caçam.

Eles se comprometem com os armadores (proprietários de embarcações) a lotar um navio de passageiros até determinada data, e cada emigrante que chega ao seu alcance nesse meio tempo é, quando possível, direcionado para o mesmo lugar. Se mais tarde ele ficará em boas ou más condições, é completamente indiferente para o agente.

A maioria desses senhores – desejo acreditar – pelo menos opera de forma honesta; primeiro convencem o emigrante de ir para onde querem que ele vá, e só depois o encaminham para lá. Mas o contrário também acontece com frequência. No Brasil, conversei com diversas pessoas que fizeram acordos verbais para ir ao Rio Grande, todavia foram transportadas apenas até o Rio de Janeiro e agora se encontram desamparadas, sem meios de chegar ao destino onde vivem seus amigos e familiares. Também não podiam tomar medidas judiciais, pois em seus contratos de viagem, que me mostraram, constava o Rio de Janeiro; e ainda assim eram da firme crença de que deveriam ter sido transportadas para a província muito mais ao Sul. A situação foi a seguinte:

Quando notaram “Rio de Janeiro” no contrato, o agente havia dito: “Isso não significa nada. Toda embarcação com destino ao Brasil *precisa* primeiro parar no Rio. Depois há apenas um percurso curtíssimo até o Rio Grande e você será transportado com todas as suas bagagens. Por Deus, só ficarão satisfeitos quando o deixarem lá, pois há falta de bons trabalhadores alemães. Vão fazer pressão de todos os lados e os querer aqui e lá. Só não aceitem a primeira boa oferta, para não se colocarem no centro das atenções”.

O motivo era óbvio. Esses senhores haviam contratado um navio para o Rio e precisavam que os pobres coitados com destino ao Rio Grande agora fizessem a viagem ao Rio Grande. Lá, eram abandonados e se viam repentinamente em uma terra estrangeira, sem dinheiro, sem amigos, sem ninguém que lhes quisesse oferecer trabalho, entregues à completa miséria.

A todos que desejam deixar a pátria, portanto, confiram atentamente, quando receberem um contrato de um agente de emigração, se o porto correto que desejam desembarcar está registrado, e não se deem por satisfeitos com mentiras e desculpas dos agentes sobre fazer escala em outros portos.

Pode ser que lhes mostrem um pequeno mapa onde estes dois lugares pareçam estar lado a lado. Na realidade, porém, estão muito distantes um do outro e, mesmo que fosse apenas um dia de viagem, teriam uma enorme quantidade de custos e talvez não encontrassem por semanas uma oportunidade de seguir viagem até seu destino.

Um outro ponto importante: se fez um acordo e recebeu o contrato pronto, antes de assiná-lo, procure alguém em quem possa confiar, informe o que havia sido acordado e pergunte se *está tudo registrado no contrato*. Existem pequenas entrelinhas pelas quais o pobre emigrante não raramente é enganado, e que, com seu total

desconhecimento das condições no além-mar, não consegue enxergar ainda que leia o contrato dez vezes.

Acima de tudo, sob nenhuma circunstância, assine um contrato que, independentemente do que lhe seja prometido, ate suas mãos e detenha sua livre movimentação no novo país. O alemão aqui na pátria não consegue imaginar como, lá fora, estes papéis podem ser interpretados para sua desvantagem quando caem nas mãos de pessoas sem escrúpulos, e nenhum governo do mundo pode protegê-lo das consequências de algo que ele mesmo assinou.

Citarei apenas um exemplo dos famigerados Contratos de Parceria brasileiros, no qual, entre outros parágrafos, consta: “Ao trabalhador (que através deste contrato se compromete com o cafeicultor) é atribuído pelo proprietário um pedaço de terra para seu livre cultivo”.

Evidentemente nossos compatriotas entendiam que isto significava sua *própria* terra, e os agentes de emigração lhes confirmavam com gosto. O cafeicultor, porém, não entendia o mesmo. Ele deu aos pobres coitados um pedaço de terra para cultivar, mas tomado pela mata selvagem, que primeiro precisavam tornar apta, com muito trabalho pesado, e só então cultivavam ali por um ou dois anos. Depois, o cafeicultor lhes tirava o pedaço de terra para “atribuir” outro tomado pela mata, e assim os obrigava a trabalhar até mesmo em seu tempo livre, tornando valioso seu terreno antes inutilizável.

A lei não poderia puni-lo, pois cumpriu seu contrato à risca.

O emigrante, sob nenhuma circunstância, deve assinar algo que não compreenda em totalidade, em especial nada apresentado em língua estrangeira, pois assim que firma seu nome, declara estar de acordo com tudo que o documento contém.

Agentes de emigração sem escrúpulos utilizam ainda outros meios para fazer assinar o contrato que mais lhes agrada: segurar a assinatura até o último momento. Assim, o emigrante é pressionado a embarcar, mas ainda há assuntos pendentes no contrato, então lhe mostram um papel e dizem de forma crédula: “Olhe, apenas escreva seu nome e cuidarei do resto”. Sob estas circunstâncias, o emigrante deve se recusar veementemente a assinar, pois nunca se sabe quais as consequências que isto pode lhe causar.

Uma vez tendo seu contrato cuidadosamente examinado e - estando de acordo com tudo – assinado, pegue o seu exemplar e o guarde com segurança, nunca deixe-o sair de suas mãos. Vem ocorrendo com frequência, especialmente entre agentes da Antuérpia, que algum sujeito, talvez por querer se desfazer de um parágrafo que lhe

fosse mais desagradável, enviar um de seus funcionários a bordo para recolher todos os contratos dos emigrantes.

“Precisam entregá-lo agora”, disse o senhor para as pessoas perplexas, “e quando chegarem à América lhes será devolvido”.

É uma vilania das mais simples, pois o emigrante, nessa situação, *nunca* mais verá seu contrato e, para seu detrimento, foi enganado pelo agente. Se *tiver* um contrato, deve conservá-lo, pois se o agente precisar mostrá-lo em qualquer lugar, o emigrante poderá mostrar seu próprio exemplar. Porém, em todas as circunstâncias, o emigrante deve manter seu contrato consigo.

Se o alemão emigrar, se adentrar em um país estrangeiro, então deve, acima de tudo, abandonar suas esperanças exageradas e estar preparado para trabalhar duro nos primeiros anos, talvez sem receber tanto quanto receberia na Alemanha, pois há um preço a se pagar pelo aprendizado; ele pode começar com o que desejar, e este preço é o primeiro período difícil na terra estrangeira.

Ele deve, se Deus permitir, se manter um trabalhador livre e independente e, se for trabalhar em algum lugar, nunca se prender a um contrato de muitos anos. Mesmo que em um primeiro momento passe pela pobreza, ele conhecerá a terra, o povo e o trabalho, e através dessas experiências estabelecerá seu próprio lar.

Sobre o processo tradutório

Não há tradução que não tenha seus desafios, ainda mais a de obras afastadas de nós por quase dois séculos. O estilo do autor, com suas frases longas e apreciação pelo uso de vírgulas, também demandou atenção redobrada. Uma questão interessante, marcada pelo uso da escrita gótica da época, foi a grafia de certas palavras com um espaçamento entre as letras. Seria este espaçamento o equivalente gótico do atual itálico, usado para ênfase? Neste caso, consideramos que sim.

Meiner *j e t z i g e n* Meinung nach [...], bin ich der festen Überzeugung, dass Brasilien in seinen Verhältnissen wohl manches Tadelnswerte und Gefährliche hat, im Ganzen aber dem deutschen Auswanderer auch große und gewichtige Vorteile bietet, und wenn ich selber auswandern und Ackerbau treiben wollte, so würde ich mir zum Ziel meiner Auswanderung jedenfalls Südamerika, aller Wahrscheinlichkeit nach das südliche Brasilien wählen (Gerstäcker, 1862a, p. 454, grifo do original).

Na minha *a t u a l* opinião [...], tenho a firme convicção de que no Brasil, apesar de sua condição muitas vezes repreensível e perigosa, em geral os emigrantes alemães recebem grandes vantagens, e se eu mesmo quisesse me tornar um emigrante e trabalhar com agricultura, *certamente* visaria minha imigração para a América do Sul, sobretudo para o Sul do Brasil (grifo do original).

É possível perceber pela entonação do autor, assim como a forma que apresenta suas opiniões, de que existe a tentativa de dar ênfase a certos termos. Assim, foi feito o uso do itálico para manter o registro desta entonação, sem prejudicar o ritmo da leitura do atual leitor brasileiro.

Um texto antigo também demanda a pesquisa de termos já estabelecidos historicamente, como os relacionados à imigração, governo e leis da época. Foi preciso confirmar o uso comum de “Contratos de Parceria” para “*Parcerieverträge*”, e considerar as escolhas tradutórias para “*Kaffeejunkern*” e “*Pflanzern*”, que em seus contextos não se tratam apenas de cultivadores ou donos de plantação, mas dos estabelecidos “Barões do Café” e “Senhores de Terra”.

Wo die Deutschen deshalb selber mit der Regierung zu tun hatten, fanden sie auch selten oder nie Ursache zur Klage, aber wehe ihnen, wenn sie sich mit den brasilianischen **Pflanzern** einließen, wenn sie trotz aller Abmahnungen und Warnungen Privatkontrakte mit den **Kaffeejunkern** und **Pflanzern** (sogenannte **Parcerieverträge**) schlossen, denn in dem Fall waren sie fast immer verloren, und viele Hundert unserer Landsleute büßen noch jetzt in fast mehr als halber Sklaverei mit ihren Familien die frühere Dummheit (Gerstäcker, 1862a, p. 455, grifo nosso).

Quando os próprios alemães tiveram de lidar com o governo, não encontraram nenhum ou apenas poucos motivos para reclamar; mas na infelicidade de se envolverem com os **Senhores de Terra** brasileiros, quando, apesar de todos os avisos e advertências, fechavam um contrato privado (os chamados “**Contratos de Parceria**”) com estes **Senhores de Terra e Barões do Café**, neste caso quase sempre saíam prejudicados, e centenas de nossos compatriotas com suas famílias ainda estão pagando por sua estupidez em situações análogas à escravidão (grifo nosso).

Por outro lado, no registro em documentos formais, como o excerto de um contrato apresentado pelo autor, foi preferido o termo “cafeicultor” a “Barão do Café”, não apenas pela formalidade do documento, mas também pela mudança de termo do próprio alemão, que não registrou “Kaffeejunkern”, mas “Kaffeepflanzern”.

Der Arbeiter (der sich eben durch den Kontrakt den **Kaffeepflanzern** verpflichtete) bekommt von dem Eigentümer ein Stück Land zu seiner freien Bearbeitung angewiesen (Gerstäcker, 1862b, p. 480, grifo nosso).

Ao trabalhador (que através deste contrato se compromete com o **cafeicultor**) é atribuído pelo proprietário um pedaço de terra para seu livre cultivo (grifo nosso).

A descrição da produção de farinha de mandioca foi outro ponto que demandou pesquisa. O autor descreve o processo de produção da farinha como feito na época, e aprender sobre este processo foi essencial para uma tradução adequada e verossímil, em especial pela certa ambiguidade (no contexto) da palavra “Zerreißen” que, no fim, foi traduzida como “ralar”. Este trecho, também, recebeu algumas reestruturações e adições, em geral evitadas ao longo da tradução no intuito de se manter o mais próximo possível a voz do autor, mas que aqui se fizeram necessárias pela boa compreensão deste processo.

Das Maniokmehl wird bekanntlich aus den Wurzeln [...], dadurch bereitet, dass man die Wurzeln durch Zerreißen, Auspressen, mehrmaliges Waschen mit Wasser von einem scharfen und giftigen Milchsafte befreit, der in ihnen enthalten ist, worauf man den ausgepressten Satz trocknet (Gerstäcker, 1862a, p. 456).

A farinha de mandioca, como bem se sabe, é feita das raízes [...]. Essas raízes precisam ser raladas, gerando uma polpa, que é prensada e lavada com água diversas vezes para eliminar a seiva tóxica e pungente, e por fim deixada para secar.

Por fim, cabe mencionar o uso das notas de tradução, que foram empregadas em dois casos. Primeiro, pela decisão de se manter as unidades de medida tais como

foram registradas pelo autor. Foi considerado que o texto, além das informações nele explícitas, também traz informações implícitas; neste caso, a das medidas utilizadas na Alemanha da época, antes da lei de padronização ao metro. Ainda assim, para clareza do público leitor brasileiro, a equivalência destas medidas em nosso sistema usual foi adicionada nas notas de tradução.

[...] deren jeder Strauch 3–8 von **1–2 Fuß Länge** und **3 Zoll** Durchmesser hat (Gerstäcker, 1862a, p. 456, grifo nosso).

[...] de 3 a 8 por planta, com **1 a 2 pés de comprimento** e cerca de **3 polegadas** de diâmetro (grifo nosso).

Ein brasilianischer Brazo (Armspanne) oder Klafter ist aber größer als eine deutsche Klafter oder selbst ein englischer Fathom und wird etwa **7 Fuß 2 Zoll** rheinisch betragen (Gerstäcker, 1862a, p. 456, grifo nosso).

Uma braça brasileira, contudo, é maior que uma braça alemã (Klafter) e até mesmo que uma braça inglesa (Fathom), tendo cerca de **7 pés e 2 polegadas** (grifo nosso).

No segundo caso, estão possíveis erros ou alterações feitas pelo autor que, apesar de causarem certa ambiguidade, se optou por replicá-las na tradução. O maior exemplo sendo um dos títulos: *Wohlgemeinte Warnung für Auswanderer* (*Bem-intencionados avisos aos emigrantes*), que, ao ser referenciado no artigo anterior, possui certa diferença:

Was die Parcerieverträge betrifft, so verweise ich darüber auf meinen anderen Artikel in diesem Blatte: „Wohlgemeinter **Rath** für Auswanderer“ (Gerstäcker, 1862a, p. 456, grifo nosso).

No que diz respeito aos Contratos de Parceria, remeto meu outro artigo nesta revista: “Bem-intencionados **conselhos** aos emigrantes” (grifo nosso).

Em suma, por se tratar de um texto acima de tudo informativo, houve a liberdade de, em certos momentos, priorizar a clareza da informação e a recepção do leitor brasileiro. Ainda assim, esta é uma tradução que buscou se manter o mais próximo possível das escolhas e estilo do autor, preservando não apenas sua voz, mas as marcas e registros da época.

Referências

GERSTÄCKER, Friedrich. Deutsche Colonisation in Brasilien. **Die Gartenlaube**: illustriertes Familienblatt, Leipzig, n. 29, p. 454-456, 1862a. Disponível em: https://de.wikisource.org/wiki/Deutsche_Colonisation_in_Brasilien. Acesso em: 29 nov. 2025.

GERSTÄCKER, Friedrich. Wohlgemeinte Warnung für Auswanderer. **Die Gartenlaube**: illustriertes Familienblatt, Leipzig, n. 30, p. 479-480, 1862b. Disponível em: https://de.wikisource.org/wiki/Wohlgemeinte_Warnung_f%C3%BCr_Auswanderer. Acesso em: 29 nov. 2025.

KEIL, Ernst. An unsere Freunde und Leser! **Die Gartenlaube**: illustriertes Familienblatt, Leipzig, n. 1, p. 1, 1853.

MILLER, James W. Friedrich Wilhelm Christian Gerstäcker (1816–1872). **Encyclopedia of Arkansas**, Arkansas, 15 dez. 2023. Disponível em: <https://encyclopediaofarkansas.net/entries/friedrich-wilhelm-christian-gerst%C3%A4cker-1656/>. Acesso em: 29 nov. 2025.